

Proletários de todos os países: UNI-VOS



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



ALARGAR A ACÇÃO UNITÁRIA

Fazer recuar a repressão e as manobras divisionistas

A prisão de centenas de democratas e as variadas formas repressivas a que o governo de Caetano-Rapazote recorreu nos meses de Abril-Maio visaram conter ou esmagar o notório ascenso do movimento de massas e o desenvolvimento do movimento democrático.

O recurso sistemático à violência e à ilegalidade são um índice da crescente fraqueza e isolamento do governo que se sente incapaz de respeitar as leis por ele mesmo criadas. O que se está a verificar com o recenseamento é elucidativo. No período das inscrições o governo recorreu à repressão e criou dificuldades de toda a ordem para impedir que as massas se recenseassem. Agora, está a proceder a cortes massivos nos cadernos de recenseamento. Só na Marinha Grande, foram eliminadas 500 eleitores inscritos nos anos anteriores. Sabe-se que no distrito de Setúbal também houve cortes massivos. Isto indica que o governo teme as suas próprias «eleições» e muito principalmente o movimento de massas que se venha a criar no período eleitoral.

O grande falhanço do chamado «congresso dos combatentes», logo após as descoloridas «conferências» ministeriais de Tomar a que chamaram congresso da ANP, foi mais uma demonstração das insanáveis contradições em que se debatem as forças governantes e colonialistas. O governo viu-se forçado a dar um apoio camuflado ao dito «congresso», mas dele não saiu a organização almejada pelos ultra-colonialistas. As demissões de uma boa parte dos principais promotores do «congresso» e o protesto feito por oficiais do activo foram bem a demonstração das divergências havidas.

Fazer recuar a repressão

Através da acção unida das massas, o movimento democrático tem hoje força e experiência suficientes para não se intimidar com a repressão fascista e para forçar a repressão a recuar. No discurso feito em Tomar, M. Caetano anunciou que esmagaria o movimento estudantil. Mas os estudantes não se intimidaram e através de variadas acções, manifestações e greves, especialmente em Lisboa, obtiveram importantes sucessos e forçaram a repressão a diversos recuos. O ministro Rapazote também anunciou (jornais de 26/5) não autorizar reuniões e, em Braga, foi

efectivamente impedida uma reunião e, por isso, 22 democratas foram multados em 1.500\$00 cada um. Mas todos se recusaram, muito justamente, a pagar tais multas, e mais de 300 democratas subscreveram um documento de protesto largamente distribuído. Centenas de pessoas também desfilarão pelas ruas até ao local previsto para um Plenário dos democratas do distrito. Plenário que o Governador civil proibiu.

A manifestação de centenas de pessoas junto ao Tribunal do Porto, onde iam ser julgados 103 estudantes por se recusarem a pagar as multas arbitradas pela polícia, é mais um exemplo da justa resistência popular contra a repressão fascista. O juiz viu-se forçado a adiar sine-die o julgamento.

Através da luta de massas e da organização e sòmente por essa via, se poderá forçar o governo a recuar na repressão e alargar cada vez mais o direito de reunião, de organização e propaganda, direitos que se impõem mas não se pedem a um governo que não respeita as suas próprias leis.

A divisão, arma do inimigo

Não é apenas pela via da repressão, mas também pela intriga e as promessas demagógicas que a camarilha de M. Caetano procura conter o movimento democrático e, se possível, dividi-lo. Torna-se cada vez mais evidente que o governo está a temer seriamente que a Oposição Democrática consiga transformar a farsa eleitoral que se avizinha numa poderosa campanha política de massas contra o fascismo, pelas liberdades democráticas e pelo fim da guerra colonial. A afirmação do ministro Rapazote, de que nas próximas «eleições» não autorizarão a existência de candidatos de «movimentos sediciosos», significa que o governo procurará opôr-se à apresenta-

ção de candidatos verdadeiramente democratas e dispostos a não pactuarem com a anti-nacional política fascista e colonialista do governo de M. Caetano. Mas uma coisa são os desejos do governo, bem semelhantes aos do tempo de Salazar, que muito se esforçou por criar uma «oposição dócil», e outra coisa bem diferente serão as disposições e a força do movimento democrático para impôr os seus candidatos.

Ante o falhanço da sua demagogia liberalizante, M. Caetano esforça-se por criar uma «oposição dócil» que seja uma espécie de força tampão entre a ditadura fascista e o movimento democrático de massas em ascensão. Os democratas a quem não desagrade a ideia de uma falada «5.ª força» devem pesar bem as responsabilidades que assumirão no caso de embarcarem em manobras divisionistas que só beneficiarão o fascismo.

O movimento democrático deve esforçar-se por denunciar e liquidar as manobras caetanistas. Para isso é essencial desenvolver a luta de massas e, ao mesmo tempo, ampliar e consolidar a frente unitária. O documento intitulado «Ao povo português», aprovado em Março e subscrito por 15 Comissões Distritais afirma muito justamente que o movimento democrático é uma «frente ampla e unitária aberta a todos os democratas sem excepção». Isso significa que no movimento democrático cabem todos os que estiverem na efectiva disposição de lutar contra o fascismo. Mas há alguns que se dizem «revolucionários» que consideram o combate ao PCP como «o mais importante nesta fase da luta» (M. Caetano pensa exactamente o mesmo, e disse-o claramente no seu discurso em Tomar). Tais «revolucionários» e certas pessoas que se intitulam «anti-eleitoralistas» só estão no movimento democrático com o objectivo

(continua na 5.ª pág.)

Em Agosto de 1962 voltou a ser preso, sendo então condenado a mais de 11 anos de prisão. Dias Lourenço não terá de cumprir as celeradas «medidas de segurança» dado que elas foram abolidas. Mas o governo prepara-se para recorrer a outras ilegalidades com vistas a prolongar-lhe a prisão.

O fascismo, a PIDE-DGS, vota a Dias Lourenço um ódio muito especial. Em qualquer das vezes que foi preso, sujeitaram-no a cruéis e prolongadas torturas. Chegaram a algemá-lo e a amordaçá-lo com adesivo para o poderem espancar mais à vontade. Foi metido durante dois meses e meio num antigo e infecto «segredo» de Caxias. Tudo lhe fizeram para o vergar, mas o valente filho da classe operária jamais abriu a boca para fazer a mínima declaração à cáfila de torturadores e assassinos da PIDE-DGS. Também na cadeia de Peniche se tem manifestado um ódio especial dos carcereiros, especialmente por parte do chefe dos guardas, que não lhe perdoa ter conseguido evadir-se, precisamente quando estava de castigo, no antigo «segredo». Em 1964, foi ferozmente espancado por um grupo de guardas de Peniche.

Dias Lourenço é operário metalúrgico. Participou na Reorganização de 1940-41, e milita nas fileiras do Partido desde os 17 anos de idade. Com menos de 60 anos de idade soma mais de 30 anos de prisão e de vida clandestina. É toda uma vida inteiramente devotada à luta pela emancipação da classe operária, pelo derrubamento do fascismo, pela Democracia e o Socialismo.

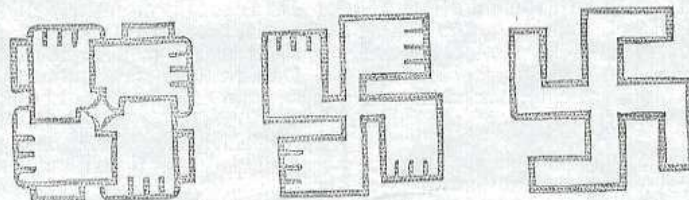
Dias Lourenço tem a saúde abalada por todos os sofrimentos a que o fascismo o tem sujeito. Um dos seus filhos morreu sem lhe poder assistir, por estar preso. Os seus 16 anos de prisão são um crime que todos devem condenar. Não sabemos se haverá hoje em qualquer país da Europa ou até do Mundo, presos políticos com tantos anos de prisão.

Em Vila Franca de Xira terra onde Dias Lourenço nasceu, foram recolhidas recentemente centenas de assinaturas a exigir a sua libertação.

O «Avante» lança um apelo para que a luta pela libertação de Dias Lourenço se estenda às fábricas, às escolas, às aldeias de todas as regiões do país e aos variados núcleos da emigração portuguesa.

AIJUEMOS A LIBERTAR DIAS LOURENÇO, UM DOS MAIS DEVOTADOS FILHOS DA CLASSE OPERÁRIA PORTUGUESA!

O emblema da Acção Nacional Popular de Caetano...



... ou a cruz suástica nezi mal disfarçada

Factores novos na situação política

Em Março último, a Comissão Política do CC indicou vários traços característicos da situação política actual, que mostram o aparecimento de novos e importantes factores, que é indispensável ter em conta para uma correcta orientação.

Situação económica

No recente e triste congresso da ANP, os fascistas insistiram em afirmar que a economia portuguesa progride a ritmos apressados, resultando daí considerável «aumento da riqueza nacional» e «melhores condições de vida».

A verdade é que as características da conjuntura actual são as baixas taxas de desenvolvimento, o retrocesso agrícola, a inflação, as monstruosas despesas militares, os gigantescos déficits no comércio externo e um equilíbrio da balança de pagamentos fundado nas remessas de emigrantes e no turismo, frágeis e incertos recursos para uma política de desenvolvimento.

Dizem os fascistas que o rendimento nacional aumentou 10% em 1972. Mas o cálculo é feito em preços correntes, sem ter portanto em conta a inflação. Está para apurar-se se, em 1972, houve aumento ou diminuição efectiva da produção nacional.

Os monopólios e o seu governo fascista procuram sair das dificuldades através de dois meios fundamentais. Um é a ligação crescente, em posição de submissão, com os grandes monopólios internacionais. Outro é a exploração ainda mais intensa das massas trabalhadoras, procurando (com a congelação dos salários, a intensificação do trabalho, o aumento dos preços, as violentas cargas tributárias), obter o aumento dos lucros, a acumulação e a centralização apressadas, a capacidade competitiva nos mercados internacionais.

Uma tal política poderia ser a «solução» para os grupos monopolistas dominantes. Mas não o é nem para o povo português, nem para a nação portuguesa.

Isolamento interno

É facto incontroverso que a manobra «liberalizante» de M. Caetano teve, para o regime, resultados contrários aos pretendidos.

Em vez do alargamento da base social e política do regime, assistimos ao alargamento da base da Oposição democrática. Em vez da divisão da Oposição e do isolamento dos comunistas, o reforço da unidade democrática e do papel do PCP. Em vez da atracção de sectores mais vacilantes ao colaboracionismo com o regime, o afastamento progressivo do regime de sectores que o haviam apoiado e que passam a defender, embora com mais ou menos hesitações, alguns dos objectivos imediatos do movimento antifascista.

Os liberalizantes

Contradições e dificuldades no campo do regime, que se manifestavam, numa primeira fase, em diferenças de opinião que não punham em causa a ditadura fascista, acabaram por dar lugar a tendências diferenciadas e finalmente a polarização dum grupo em torno duma plataforma efectivamente liberalizante.

Isto não significa que seja irreversível a fissura verificada no campo fascista. O regime pode ainda reabsorver elementos hoje discordantes. É também de salientar que alguns, ainda mal começam a desligar-se da ditadura, já pretendem dar lições à Oposição... dum «ponto de vista de esquerda» chamando para o efeito à colaboração verbalistas e esquerdistas anticomunistas. O «Expresso» ilustra eloquentemente esta atitude.

Há que ser claro. Se certos homens compreendem o seu erro e se juntam, de uma forma ou doutra, ao grande movimento da Oposição democrática, sejam bem-vindos. Se têm pretensões de serem eles a Oposição e substituir-se ao movimento democrático, beneficiando de facilidades preferenciais, então tem de combater-se aberta e firmemente uma tal política, que só ao fascismo poderá aproveitar.

A Igreja

O que se observa com os «liberalizantes» é uma expressão de um fenómeno mais amplo, que toca cada vez mais profundamente a Igreja, pilar tradicional do fascismo e do colonialismo.

A evolução que se verificava de há muito em amplos sectores católicos e que ganhara sectores importantes do baixo clero, começa a pesar nas posições oficiais da Igreja.

A Nota do Patriarcado acerca da acção da capela do Rato acusava, não apenas uma nova linguagem, mas um novo tom político. O «Avante», pretendendo (justamente) salientar o oportunismo e aspectos imobilistas da Igreja, não deu o relevo que merecia o encorajamento de facto dado por essa Nota aos católicos para porem em discussão a guerra colonial e avançarem a necessidade duma solução política.

A carta pastoral do episcopado, publicada em fins de Maio, representa um novo e importante acontecimento político. A Igreja defende aí, de forma clara, que os católicos têm «o direito e o dever de procurar o bem comum», defende o pluralismo, a liberdade de sufrágio, assim como a «liberdade de expressão das opiniões

legítimas dos indivíduos e dos grupos».

Temendo o isolamento e na previsão do futuro, a Igreja começa a dar passos para tomar as suas distâncias em relação ao regime. É necessário combater e desmascarar os apoios que a Igreja continua a dar ao regime. E é necessário, ao mesmo tempo, salientar todos os factores novos que apareçam e mostrem um distanciamento entre a política da Igreja e a política fascista e colonialista.

Isolamento internacional

Também no domínio internacional, os objectivos da manobra demagógica e da «ofensiva diplomática» de M. Caetano não foram alcançados. É indubitável que alguns países imperialistas têm aumentado a sua sórdida ajuda. Mas no conjunto, o isolamento é crescente e manifesto: hostilidade afro-asiática, votações na A. Geral e no Conselho de Segurança da ONU, expulsão dos fascistas de organizações internacionais, etc.

Ao mesmo tempo que se acentua o isolamento da política fascista e colonialista, aumenta a solidariedade internacional ao povo português e aos povos das colónias portuguesas.

A evolução da situação internacional é favorável às forças democráticas e desfavorável ao fascismo e colonialismo português, que está já sendo obrigado e mais o será no futuro a fazer readaptações e concessões.

Dois exemplos ilustram esta realidade. O governo fascista tinha feito verdadeira «guerra» à conferência pan-europeia dos Estados sobre a segurança. Seguindo os círculos mais agressivos do imperialismo, cuidava ainda que a conferência seria impedida. Então era considerado quase um absurdo que o PCP indicasse a necessidade de obrigar o governo a rever essa posição, a participar na Conferência e a subscrever os acordos favoráveis à paz que nela venham a ser subscritos. Entretanto, presentemente, vemos os fascistas a participarem nas conversações de Helsínquia, vê-los emus na Conferência, e terão que fazer cedências a uma opinião europeia largamente hostil ao fascismo e ao colonialismo.

O segundo exemplo. O governo tinha até hoje considerado um «crime» as relações com os países socialistas. A defesa que dessas relações fazia o PCP (por serem favoráveis à luta do nosso povo) era considerada «antinationais». E, entretanto, ouvimos agora o Patrio proclamar a «abertura a leste».

Tem particular importância, na actual conjuntura, insistir na desenvolvimento das relações culturais, desportivas, turísticas, com os países socialistas. As forças democráticas devem antecipar-se ao fascismo, tomar variadas iniciativas, para a aproximação e cooperação que se desenvolve na Europa.

Questão colonial

A conclusão da Comissão Política de que amadurecem as condições para o fim da guerra colonial e uma solução política do problema, tem importantes implicações.

Os factos que convergem para esse resultado são muito diversos, de natureza económica e política, interna e internacional: êxitos dos movimentos de libertação, amplitude tomada pela luta do povo português contra a guerra colonial e o colonialismo, problemas cada vez mais graves criados pela guerra colonial em todos os aspectos da vida económica e política portuguesa, evolução da situação internacional, e, duma maneira geral, a mudança da correlação mundial de forças a favor do socialismo, o desenvolvimento da luta anticolonialista e anti-imperialista à escala mundial.

O governo acusa ainda de «traição» os que reclamam o fim da guerra, negociações; o reconhecimento do direito dos povos à independência. Mas aproxima-se o dia em que o colonialismo português, encostado à parede, terá ele próprio de mudar de linguagem, virá ele próprio declarar querer negociações e uma solução política. Procurará naturalmente, antes de mais, desenvolver a actual demagogia, procurará depois uma solução neo-colonialista. Mas, no dia em que o fizer, será o reconhecimento do falhanço completo da sua política criminoso e o princípio do fim do colonialismo português.

A inevitabilidade de uma tal evolução deve estimular as forças democráticas a intensificar a luta, que tão corajosamente têm travado, contra a guerra colonial.

Para uma nova ofensiva

Os progressos, nos últimos tempos, da movimentação popular em todas as suas principais frentes, acusa um novo fluxo da luta revolucionária, que, aproveitando as condições favoráveis, pode dar lugar a grandes acções políticas de massas no ano corrente.

Desenvolve-se presentemente um amplo movimento contra o fascismo e o colonialismo. Abrem-se, para o ano em curso, imensas possibilidades de acção política legal e semi-legal, que devem ser aproveitadas e exploradas na sua máxima profundidade e potencialidade.

A unidade das forças democráticas, deu nos últimos tempos grandes passos. A unidade não é hoje a mesma que era anos atrás. No campo antifascista modificou-se o peso relativo das classes sociais e das várias correntes políticas. A unidade democrática está-se forjando como uma verdadeira unidade popular. Este é o caminho justo.

LUTA NAS EMPRESAS

Na **CEL-CAT** (empresa de cabos eléctricos na Venda Nova), os operários fizeram uma paralisação total de um dia (3 de Maio) em apoio das suas reivindicações. Desde há muito que os operários desta empresa vêm reivindicando aumento geral de salários, aumento que a gerência tem conseguido protelar sob vários pretextos. Indignados com a manobra da gerência e fartos de esperar, os operários decidiram muito justamente recorrer à paralisação de trabalho. Os acessos às duas fábricas foram bloqueados por 3 carros com guardas da GNR armados de metralhadoras e vários agentes da PIDE-DGS que, juntamente com alguns lacaios do patronato, montaram uma manobra com a qual conseguiram enganar os operários das duas fábricas da empresa (ao lado uma da outra), convencendo-os de uma que os da outra já tinham retomado o trabalho e vice-versa.

Esta acção dos operários da **CEL-CAT** foi um elemento muito importante para a continuação da luta. A unidade e a disposição que revelaram irá sem dúvida abreviar a satisfação das suas reivindicações por parte da gerência.

Também os operários da **Ca-bos d'Avila**, paralisaram o trabalho durante uma hora em apoio da sua reivindicação de aumento geral de salários. A falta de uma comissão representativa para dirigir a luta foi, como no caso anterior, a principal causa de esta não ter ido mais além.

Na fábrica **Gil** (Arruda dos Vinhos), cerca de 2.000 operários, na maioria jovens operários, que se encontravam em luta há cerca de 2 meses, viram finalmente satisfeita a sua reivindicação de aumento de salários, aumento que representa cerca de 30%, em relação aos anteriores. Foi uma boa vitória esta dos operários e operárias da fábrica **GIL**. Ela será certamente um estímulo para continuarem a acção pela conquista do 7.º dia, reivindicação ainda não satisfeita.

Os operários da **RABOR** (Ovar) continuam a luta pela reconquista do 13.º mês, que lhes foi retirado quando a empresa passou para as mãos dos americanos (ITT). Em Fevereiro são convocados pelo INTIP para uma reunião com o director para a tentativa de conciliação. Este, depois de várias manobras para fugir à discussão, recusa-se mesmo a negociar, seguindo o processo para tribunal. Agora o referido director, realiza um trabalho de intimidação chamando os operários um a um, ameaçando com despedimento uns, tentando subornar outros, para que desistam do processo. Mas a melhor resposta dos trabalhadores tem de ser o reforço da sua unidade e combatividade, não se deixarem amedrontar e não confiarem apenas na decisão do tribunal, mas, sobretudo, na sua própria acção.

Na **OLIVA** (também da ITT), os operários fizeram nova paralisação de trabalho em apoio das

reivindicações anteriores não atendidas: pagamento do 13.º mês e aumento de salários.

Na **Trefileria**, os operários conquistaram um aumento de 10\$00 diários. Após 3 anos sem aumento geral de salários, um clima de descontentamento foi crescendo e se generalizou entre o pessoal com pedidos constantes de aumento junto dos chefes de secção. Esta acção forçou a administração a dar o referido aumento e ainda a passar para 600\$00 mensais o prémio de secção.

Na **SOPREA** (Pampilhosa), os operários fizeram uma greve no 1.º de Maio como protesto contra o despedimento dum operário por reivindicar melhores salários. Como a administração não tivesse readmitido o operário, a luta continuou com «cera» e a entrega dum abaixo-assinado contendo as assinaturas da quase totalidade dos operários (cerca de 300). A greve do dia 1.º de Maio é uma acção muito significativa, pois além de ter como causa directa o protesto pela readmissão do companheiro despedido está também ligada à luta pela reivindicação do feriado desse dia por ser o dia dos trabalhadores.

Na Abelheira OS OPERÁRIOS VENCEM

Desde há quase 6 meses que os operários da fábrica de papel da Abelheira estão em luta contra a «falência» da empresa e pela sua reabertura ou pelas indemnizações a que têm direito. Os operários têm-se mantido na fábrica, ocupando-a dia e noite, impedindo com esta atitude firme e combativa que a administração materializasse os seus planos de retirar da fábrica grande parte da mercadoria e outros valores.

As suas reivindicações eram: Pagamento de salários e ordenados até ser reconhecida a falência; pagamento de férias e subsídio de férias do ano de 1972; reforma de todo o pessoal a partir dos 60 anos de idade sem que a mesma prejudique as respectivas indemnizações; que fossem pagas as indemnizações em face dos seus direitos mediante a rescisão do Contrato.

A primeira vitória dos trabalhadores da Abelheira foi o pagamento pelo FDMO de um subsídio correspondente a 4 dias por semana. O forte movimento de solidariedade e de apoio que se desenvolveu na região de Lisboa permitiu a realização do salário semanal e constituiu uma grande ajuda material e moral à continuação da luta até à vitória. Agora os trabalhadores da fábrica de papel da Abelheira, graças à sua acção firme e persistente, vão receber as indemnizações a que têm direito. Além disso, todos os operários com mais de 60 anos passam à situação de reforma. Eis mais um exemplo de que só pela luta, pela acção firme, combativa e unida, os trabalhadores conseguem arrancar do patronato ou do governo a satisfação das suas reivindicações.

Na **SERSA**, os 600 operários da empresa fizeram uma paralisação de 15 minutos, em apoio da reivindicação do feriado previsto no último CCT num dia por eles escolhido, pois o patrão pretende dá-lo, tal como no ano passado, no dia de S. João, que este ano é ao domingo. Os operários, só retomaram o trabalho depois de uma comissão de 3 ter falado com

o engenheiro. A mesma comissão foi em seguida ao ITNP, onde foram obrigados a admitir que os trabalhadores tinham razão. Entretanto só a continuação da luta unida e firme dos trabalhadores obrigará a empresa a dar o feriado.

Na **MAGUE**, os operários conseguiram já arrancar algumas das reivindicações por que vêm lutando e pelas quais fizeram uma greve de dia e meio relatada no número anterior do «Avante». Embora a mais importante não tenha sido satisfeita (o aumento de salários), o que impõe a continuação da luta, a gerência cedeu já na concessão da semana de 45 horas. Esta vitória é o resultado da luta travada, particularmente a greve de Março, o que confirma que mesmo quando se não obtêm resultados imediatos de uma luta eles vêm depois.

Na **CÁMODA** (Póvoa de Sto. Adrião), as operárias em luta contra os baixos salários reduziram a produção durante cerca de três semanas, o que forçou o patrão (um antigo nazi alemão) a prometer um aumento de 10%, e feriado na tarde do 1.º de Maio. As operárias, consideraram o aumento de 10% insuficiente e estavam dispostas a continuar a luta.

Na **FONCAR**, as mulheres que trabalham de empreitada foram excluídas do aumento de salários que em fins de Abril houve na empresa. Protestando contra esta discriminação e exigindo o aumento a que tinham direito, várias mulheres paralisaram o trabalho durante 45 minutos, só o recomeçando após a promessa de que o assunto ia ser estudado.

Na **COTESI** (Espinho), existe uma desenfreada exploração, não sendo sequer respeitadas as tabelas de salários contidas no CCT. Perante o enorme descontentamento do pessoal a empresa deu aumentos de 2 a 4\$00 diários. A escassez deste aumento provocou uma onda imediata de protestos, tendo algumas secções recusado trabalhar na noite de 3 para 4 de Maio. No dia seguinte um grupo de operários foi à gerência reclamar maior aumento de salários. No dia 1.º de Maio, à volta da fábrica foram colocados polícias, em mais uma manobra de intimidação e provocação.

Na casa **HIPÓLITO**, continua a luta por aumentos de salários, semana de 45 horas e feriado no 1.º de Maio. Um comunicado da Comissão de Operários distribuído em princípios de Maio à classe, apelava para a sua unidade e a intensificação da luta por estas reivindicações, exigindo da administração uma resposta rápida.

Os empregados bancários continuam a lutar contra as horas extraordinárias, a que fizeram um boicote na semana de 1 a 7 de Maio e que foi considerado um grande êxito. Nalguns bancos 100% do pessoal aderiu ao boicote. Também nalguns bancos conseguiram feriado no 1.º de Maio.

Greve dos pescadores DA COSTA NORTE

Os pescadores das traineiras da Costa Norte, continuando as suas tradições de luta, entraram em greve no dia 15 de Abril pela conquista das suas reivindicações que são: aumento da diária de 40 para 60\$00; aumento da caldeirada; que haja defeso; não sair ao domingo. Em 10 de Junho os valentes pescadores da Costa Norte ainda continuavam em greve. Tem havido tentativas de furar a greve por parte das companhias que melhores pescadores têm realizado, mas os pescadores vão ao cais e impedem as traineiras de sair. Na capitania de Matosinhos houve uma reunião de pescadores com suas mulheres e filhos, totalizando 1.200 pessoas.

Esta prolongada luta dos pescadores, que prova a sua combatividade e a determinação de não voltarem ao mar sem verem satisfeitas as suas reivindicações tem sido objecto de solidariedade de alguns sectores da população e do movimento democrático.

Reforcemos a ajuda moral e material aos corajosos pescadores da Costa Norte.

Também os pescadores de Portimão têm estado em luta contra os armadores. Desde há tempos que estes vêm reduzindo o número de enviadas com o objectivo de diminuir o pessoal, o que, evidentemente, provoca o desemprego. Aplicado primeiro pelos armadores de Vila Real de Sto. António e de Olhão, o sistema passou a ser posto em prática também pelos de Portimão. Os pescadores de Portimão, porém, decidiram lutar contra esta manobra dos armadores recusando-se a fazer as matrículas. Esta luta dos pescadores de Portimão estava em curso no mês de Maio.

Alargar a acção

(continuação da 1.ª pag.)

de paralisar a sua acção de massas. Os que preconizam continuadas discussões à volta dum «estatuto de bases», e burocraticamente defendem que a Comissão Distrital de Lisboa só deve reunir pelo menos 15 dias depois da ordem de trabalhos ter sido distribuída pelas bases (!), decerto que não estão a pensar no movimento democrático como uma força de massas actuante. O movimento democrático não pode ter estatutos como uma colectividade de recreio ou um sindicato. A luta contra o fascismo não se coaduna com prazos «estatutários».

Para fazer fracassar as manobras divisionistas de M. Caetano é indispensável alargar a acção unitária de massas, é preciso fortalecer o movimento democrático e lutar contra todas as manifestações divisionistas e paralisantes.



IMPORTANTE VITÓRIA DOS ESTUDANTES

Suspensão dos «gorilas» em Letras de Lisboa

O vigor combativo do movimento estudantil voltou a sacudir a Universidade de Lisboa com um conjunto de enérgicas acções que se prolongaram ao longo de quase todo o mês de Maio.

O espancamento, a 1 de Maio, de um estudante da Faculdade de Letras de Lisboa por «gorilas»-vigilantes e as prisões de estudantes efectuadas já antes pela PIDE-DGS foram os novos factos que fizeram explodir o profundo descontentamento das massas estudantis.

A expulsão dos «gorilas» da Universidade e a libertação dos estudantes presos transformaram-se nos principais e imediatos objectivos de luta.

Os estudantes do Porto ao mesmo tempo que enfrentavam uma massiva repressão souberam encontrar formas de patentear a sua activa solidariedade aos colegas de Lisboa.

A suspensão dos «gorilas» da Faculdade de Letras de Lisboa, a 16 de Maio, é uma significativa vitória dos estudantes portugueses. Ela constitui uma viva demonstração da possibilidade de fazer recuar o fascismo, quando se lhe opõe uma frente de massas, quando se combate com energia, quando se une todos os que querem lutar e se isola os divisionistas, quando se cuida de reforçar a organização no próprio processo de luta, quando se sabe multiplicar, variar, combinar, umas com outras, as diferentes formas de acção.

Acções potentes e muito variadas

Efectuaram-se numerosas Reuniões Gerais, várias com massiva participação (1.000 e 1.500 estudantes no Técnico, 800 em Letras, 700 em Económicas);

Fizeram-se greves, prolongadas ou intermitentes, mas quase sempre seguidas a cem por cento, em Letras, Técnico, Económicas, Medicina e Direito;

Realizaram-se reuniões inter-escolas com a participação de quase todas, meetings, sessões informativas, intervenções nas aulas, várias distribuições na rua de comunicados à população;

Organizaram-se manifestações de rua: no dia 10, a partir de Sete-Rios, 400 estudantes desfilarão ao longo da Estrada de Benfica até à Segunda Circular, gritando: «Abaixo o fascismo!», «Fora a PIDE!», «Abaixo a guerra colonial!», «Fora os gorilas!» e apedrejando de passagem uma esquadra da polícia; no dia 16, a partir do Largo da Graça até à Avenida Almirante Reis, 500 estudantes desceram em manifestação com muitos cartazes, um dos quais com quatro metros e transportado por doze estudantes que dizia: «A juventude está contra a guerra colonial!», gritaram as mesmas palavras de ordem do dia 10, distribuíram comunicados à população; ainda no dia 16, manifestação em Moscavide, com 200 estudantes. Fez-se frente aos «gorilas» apedrejando-os, resistindo e replicando às suas agres-

sões; Expulsaram-se agentes da PIDE DGS que provocatoriamente haviam penetrado em locais académicos, um deles depois de desarmado e sovado.

No Porto, a par da acção informativa também realizada em Coimbra, os estudantes da Faculdade de Engenharia e do Liceu D. Manuel II fizeram greves de solidariedade com os colegas de Lisboa.

Os assistentes da Faculdade de Letras e do Técnico de Lisboa, e professores da Escola de Belas Artes do Porto, em Reuniões Gerais próprias ou reunindo juntamente com os estudantes apoiaram as reivindicações destes e denunciaram a situação na universidade em enérgicos documentos.

A brutal repressão não paralisou a luta

Pode dizer-se, sem exagero, que o governo de M. Caetano recorreu, ao longo do mês de Maio, a todo o instrumental da repressão fascista para dominar e paralisar a luta estudantil: suspensões disciplinares; encerramento das escolas por decisão dos Conselhos Escolares; multas aplicadas pela PSP (há um estudante do Porto já multado em 20 contos); rusgas e invasões das faculdades pela PSP; cerco e ocupação de instalações universitárias pela polícia de choque; espancamentos de estudantes e professores perpetrados por «gorilas»; cargas de bastão e lançamento de gases; muitas dezenas de prisões efectuadas pela PIDE-DGS; o espingardeamento empreendido a frio e com o propósito deliberado de matar que uma

Sobre a «Aliança» Luso-Britânica

A Comissão Política do CC do PCP publicou um oportuno documento sobre as comemorações do 6.º centenário da «Aliança» luso-britânica, o qual já foi distribuído.

Nele se salienta que essa «aliança» nunca foi uma aliança entre dois povos «mas uma aliança entre o imperialismo britânico e o fascismo e colonialismo português, uma aliança dirigida contra os interesses do povo português, dos povos das colónias portuguesas e do próprio povo da Grã-Bretanha».

«Ao mesmo tempo que se desenvolve a luta contra o fascismo e pela liberdade e se multiplicam as acções contra a guerra colonial e o colonialismo, — frisa o documento da Comissão Política — é indispensável ampliar e reforçar a luta contra o imperialismo».

força da polícia de choque levou a efeito na Cantina Universitária de Lisboa, no dia 3 de Maio, e do qual resultaram cinco estudantes feridos, um deles gravemente.

O fascismo preparava-se nitidamente para «pacificar» as escolas, dar um grande passo no esmagamento do movimento estudantil como combativo destacamento da luta popular.

Os propósitos do governo fascista foram gorados.

Os estudantes afirmaram, uma vez mais, com toda a energia que dizem não à universidade dos monopólios; enfrentaram corajosamente a repressão e, apoiados por muitos professores e pelo povo, fizeram-na recuar; deram nova contribuição à luta contra o fascismo e contra a guerra colonial.



PALHAÇADA

Salazar dizia haver em Portugal uma «democracia orgânica» e que «os verdadeiros democratas» eram eles. Caetano repete que o regime é uma «verdadeira e sã democracia». O Batista propõe um «diálogo», em que os fascistas têm o direito de falar e os demais o direito de estar calados. Na Assembleia, o presidente tece o elogio da plena liberdade e o Camilo Mendonça descobre que existe «o verdadeiro e autêntico pluralismo», porque «nós, por cada um, somos um partido!» No Congresso das múmias da ANP continuou a farsa. A sério ninguém os toma. De rir ninguém tem vontade. Soma e segue, até ao dia em que o povo português por fim a tanta palhaçada.

MILHÕES

O «António» tais tropelias fez que foi incriminado e sujeito a julgamento. A rebelia, entretanto, porque, avisado e sabido, se pôs na alçada. E o assunto não passaria dos «casos do dia», se o «António», além de António, não fosse também Sommer e Champatimand, Senhor dos Cimentos e da Siderurgia, Aquem e Além-Mar em África e de outros muitos domínios que seria fastidioso enumerar. Com milhões compra-se tudo. Um «Século» para limpar a fama perante a opinião. Psiquiatras para taxarem de loucos os acusadores. E até (porque não?) o Ministério Público, sempre tão severo para qualquer desgraçado que roube um tostão, magnânimo para quem roube milhões.

Rependo-se num dos seus homens típicos, a sociedade dos monopólios passe a esponja. Lá virá a altura do banquete de reabilitação, comendo à medida do feito, bem entendido.

ÓDIO

Duas palavras para nós, que vos afirmas revolucionários, sem alguma vez o terdes sido. O nosso maior mal é o ódio. Não o ódio aos exploradores da classe operária e aos opressores do nosso povo. Mas o ódio aqueles que, no país, se batem contra a exploração e a opressão — os comunistas. O ódio aos únicos países do mundo, onde os trabalhadores realizaram a sua revolução e construíram uma nova sociedade — a URSS e outros países socialistas. Esse ódio vos classifica, não como «revolucionários», mas como pobres instrumentos do capitalismo, que dizeis combater.

DEMAGOGOS

Os demagogos «basistas» não querem outra coisa com tal demagogia senão ganharem apólos para irrem para... a cúpula. Agora até o dizem nos seus papuleiros. Acusando-as «cúpulas» com as calúnias habituais, apelam para que as «bases» ponham nos «postos importantes» (sic) os «seus defensores», isto é, eles, os demagogos «basistas». O resto é de adivinhar. Se por qualquer golpe se anichassem na «cúpula», passariam a combater as «bases», se estas não se submetessem ao seu despotismo. Não há plures tiranetes potenciais que os demagogos «basistas».

NO SEU LUGAR

O dr. Rodrigo de Abreu, conhecem-no? Se querem conhecê-lo bem, leiam a entrevista que deu à «Epoca», jornal nazista e pidesco. O que não diz é ao jeito do jornal. Denúncia de democratas. Histeria anticomunista e antisoviética. Defesa do «Bramar». Classificação do Congresso unitário de Avóia como «Congresso comunista». E apoió a «atitudes convenientes e imediatas» contra a Oposição Democrática. Bem dito, sim senhor! Os fascistas não dizem melhor. É afinal, a valer, a valer, o que é o senhor doutor?

QUANTIAS RECEBIDAS DOS AMIGOS DO PARTIDO

À memória de Gabriel (AU)	100\$00	Pedro Soares	50\$00
Abaixo o fascismo	160\$00	Lusitano	54\$00
Idem	30\$00	Militar	162\$00
Alex	500\$00	N.P.L.E.	209\$00
Alvaro Cunhal	1.000\$00	Nova luz	100\$00
Amigos do Partido (91)	217\$00	Idem	100\$00
Armilar Cabral	1.000\$00	Idem	100\$00
Angelo Veloso	500\$00	O Partido precisa de dinheiro	270\$00
Acante pela Rep. Dem. e Nacional	400\$00	Organização: tarefa decisiva	100\$00
Bento Jesus Caraga	1.000\$00	Outubro vermelho	1.000\$00
Idem	1.000\$00	Para a defesa do P. tarefa n.º 1	50\$00
Idem	1.000\$00	Pelo Socialismo em Portugal	30\$00
Idem	1.000\$00	Reforma Agrária	5.000\$00
C.G.T. — 1	20\$00	Revolução de Maio	2.000\$00
C.G.T. — 2	10\$00	Rui Luís Gemes	200\$00
Camaradas emigrantes (Abril)	216\$00	Relógio	500\$00
Idem	163\$00	Serra vermelha	500\$00
Catarina Eufémia, Bateizão	54\$00	Idem	500\$00
Chico Moteiro	32\$00	Um amigo do Partido (Símbolo)	324\$00
Idem	54\$00	Um operário vermelho	20\$00
Em um camarão em França	110\$00	Ursula Machado	50\$00
Dias Coelho	100\$00	Vietnam	200\$00
Distintivos 50.º	60\$00	Vietnam Vitória	30\$00
Dois jovens metalúrgicos simp. do PCP	30\$00	Viva a amizade entre o PCP e o PCUS	260\$00
Dum fato de macaco	2.500\$00	Viva a Revolução	15\$00
Idem	1.700\$00	Idem	15\$00
Idem	1.020\$00	Viva o PCP	20\$00
Ferreira Soares	200\$00	Idem	20\$00
Fim da guerra colonial G.P.	30\$00	Idem	20\$00
Gabriel Pedro (II)	108\$00	Idem	20\$00
Idem	54\$00	Idem	20\$00
Guilherme Carvalho	100\$00	Idem	20\$00
Idem	710\$00	Idem	20\$00
Intellectual amigo do P.	5.000\$00	4 Cravos vermelhos	183\$00
José emigrado	108\$00	7 de Novembro	90\$00
José Gregório	400\$00		
Langevin	500\$00		
Liberdade para o jovem			
		TOTAL:	35.631\$40

Guerra colonial

Colossal agravamento das despesas

Num curto período de pouco mais de quinze dias o governo de M. Caetano anunciou a abertura de novos créditos para despesas militares no montante de 3 milhões e 500 mil contos.

Esta verba colossal irá acelerar o processo inflacionista, agravará a carga dos impostos, recairá directa ou indirectamente, sobre as condições de vida do povo português.

O facto do governo da ditadura fascista se ver forçado, na complexa situação política interna em que se debate, a proceder a um aumento das despesas militares desta envergadura traduz com nitidez as enormes dificuldades que experimenta no teatro das operações da guerra colonial.

Alastram es chamões da luta libertadora

A defesa antiaérea do PAIGC paralisou a aviação colonialista na Guiné.

Depois do anúncio da perda de 5 aparelhos, alguns abatidos por foguetões terra-ar, os pilotos portugueses da base de Bissau recusam-se a levantar voo.

Em terra, o PAIGC tem também a iniciativa da guerra.

O comunicado colonialista relativo à primeira quinzena de Maio reconhece eufemisticamente que «o inimigo revelou-se mais activo». Na verdade, o comunicado dá conta de uma sucessão de operações empreendidas pelo PAIGC que abrangem grande parte do território da Guiné.

Logo no dia 25, um novo comunicado anuncia que num recente com forças do PAIGC o exército colonialista sofreu 11 mortos e 48 feridos.

Se os colonialistas acreditaram que com o assassinato de Amílcar Cabral davam um passo para vencer a guerra, aqui têm a resposta.

Se o general Spínola está convencido que com as suas viagens pelo «interior», as promessas de uma risonha sociedade neo-colonialista e os demagógicos «congressos dos povos» consegue dominar a vontade de independência do povo da Guiné, este, pelo braço do PAIGC, está-lhe respondendo de forma esclarecedora.

Em Moçambique, no passado mês de Abril, todos os transportes ferroviários e rodoviários para Cabora Bassa estavam a ser obstruídos pela FRELIMO. O descarrilamento de um comboio da linha de Tete provocado pela explosão de uma mina, a 13 de Maio, indica que aquela situação persiste.

A emboscada em que foram abatidos quatro agentes da PIDE-

DGS entre Caxixe e Sena mostra que a FRELIMO solidifica as suas posições na região do Zambeze.

O novo ataque a Mueda, anunciado nos jornais de 18 de Maio, e o avião abatido pela FRELIMO perto desta vila, no início do mês, são testemunhos de como têm sido infrutíferos os esforços dos colonialistas portugueses em Moçambique.

Ainda no plano da situação militar há que registar as declarações de Agostinho Neto à revista soviética «Tempos Novos», aquando da sua visita à URSS, em fins de Janeiro. Segundo o Presidente do MPLA a situação em Angola caracteriza-se desta forma: «Os colonialistas portugueses apenas se sentem agora completamente seguros nalgumas cidades do litoral».

A luta contra a guerra

A solidariedade internacional aos movimentos de libertação não cessa de se ampliar.

Na recente reunião de fins de Maio, em Adis-Abeba, a OUA reafirma o seu apoio aos movimentos de libertação de Angola, Guiné e Moçambique e decide aumentar substancialmente a verba com esse destino.

Na Itália foi realizada em 24, 25 de Março uma Conferência de solidariedade à luta dos patriotas das colónias portuguesas.

O novo governo da Holanda anuncia incluir nos seus objectivos o apoio aos movimentos de libertação da África Austral.

Tudo confirma que amadurecem as condições que porão na ordem do dia o fim da guerra colonial e uma solução política do problema.

É com esta perspectiva que há que intensificar a luta contra a guerra colonial: multiplicando as iniciativas de agitação como as que foram realizadas nas jornadas de Abril em que o PCP organizou dezenas de brigadas de agitação que distribuíram do Norte a Sul do país, só no mês de Abril, várias centenas de milhares de documentos e ainda fizeram inúmeras inscrições; insistindo nas tomadas de posição através de documentos, moções, declarações, abaixo-assinados como os que estão em curso; organizando acções de rua com a distribuição de documentos, cópias relâmpagos, manifestações como as que foram realizadas em Maio pelos estudantes de Lisboa; ampliando o movimento de resistência nas forças armadas e a sabotagem do esforço da guerra.

Rádio Moscovo

Transmite todos os dias para Portugal em duas emissões, das 19,30 às 20 h. e das 20,30 às 21 h., pelas ondas de 30, 31, 41, 42 e 49 metros.

Resistência nos quartéis

TAVIRA — No CISM os recrutas fizeram em Dezembro um levantamento de rancho num pequeno almoço como protesto contra a péssima qualidade da comida, condão das instalações e dureza da instrução. O levantamento foi feito com êxito total. Passados dias, como a comida voltasse a piorar, teve lugar novo levantamento, embora desta vez com alguns «furos».

SACAVÉM — Em fins de Abril, na Esc. Prática de Serviço de Material 129 cabos milicianos, verificando que o rancho era pouco, recusaram-se a iniciar a refeição. Só depois de de lhes ser servida mais comida, cessaram a acção.

CAMPOLIDE — No Hospital Militar (Serviço de Ortopedia), no mês de Abril, o descontentamento contra as condições hospitalares e contra a guerra atingiu um elevado grau. A Direcção do Hospital, como represália contra as reivindicações massivas passou ao corte, também «massivo», das dispensas. Então assistiu-se a autênticas «proclamações» de doentes ameaçando rebentar os portões se alguém tentasse impedir-lhes a saída. Isto perante o apoio de grande parte do pessoal de serviço. Foi neste clima de descontentamento geral que apareceu, espalhado por toda a parte no hospital, um documento assinado por «Doentes Anticolonialistas» em que era feita a denúncia da guerra colonial e do fascismo, das condições de higiene, tratamento e disciplina no hospital. A Direcção reuniu a toda a pressa, deliberando dar as dispensas e investigar o apareci-

mento dos papéis.

PÓVOA DE VARZIM — No 1.º GC AM (administração militar) têm sido tomadas várias posições de resistência, entre elas uma tentativa de levantamento do rancho. Este só falhou porque os primeiros que entraram no refeitório tocaram na comida, o que foi o suficiente para que os fascistas considerassem não ter havido levantamento. Entretanto, os soldados reagiram fazendo muito barulho, batendo nos pratos e gritando «mais comida!», o que forçou o oficial de dia a mandar fazer mais.

O descontentamento entre os militares, particularmente entre os soldados e milicianos, contra a guerra colonial, a má alimentação, o rigor da disciplina, a dureza da instrução, é cada vez maior. E cada vez mais frequente o aparecimento de agitação em quartéis e bases militares por meio de tarjetas e inscrições, denunciando este estado de coisas. No CIB (Campo Grande), na noite de 22-1, as paredes exteriores do quartel apareceram pintadas com frases como «Abaixo a guerra colonial!», «Assassinaram Amílcar Cabral — pinga-te-nos!». Isto provocou uma onda de alarme e insegurança entre os comandos fascistas. No dia 4 de Fevereiro, o «Aleria Camarada» apareceu em R.L. 7 (Leiria), E.P.I. (Maira) E.P. E. (Paço d'Arcos), C.I.A.A.C. (Cascais), R.L. 5 (Caldas), C.I.E. (Campo Grande) e bases aéreas do Montijo e Sintra. Apareceram também inscrições nas casas de banho e nas carteiras das antas do CIAAC e do CIB.

Irmãdade... mas devagar!

MÉDICI EM PORTUGAL

Tomás convida Médici. Entrecorredoraram-se gorilas brasileiros e fascistas portugueses. As palavras jorram nos banquetes e nas passeatas pelo país. Não se trata da afinidade real existente entre os povos português e brasileiro: trata-se do quinhão dos opressores contra os interesses dos dois povos.

O fascismo português, com a visita de Caetano ao Brasil e a de Médici a Portugal, vem intensificando o namoro com o governo brasileiro como uma tábua de salvação para tentar quebrar o progressivo isolamento interno e internacional do regime caetanista nas suas posições colonialistas e no prosseguimento da criminosa guerra colonial. Patrício joga

com tudo para isso: oferece investimentos ultrarrentáveis nas colónias, zonas de comércio livre, reduções aduaneiras.

Os resultados defraudaram as esperanças do fascismo. Apesar das afinidades de regimes políticos, o governo brasileiro não parece disposto a comprometer as suas relações com os países de África e os seus interesses económicos no continente para abraçar a aventura colonialista condenada ao fracasso. O desespero de Patrício perante uma recusa, traduziu-se nas mal-humoradas respostas que deu aos jornalistas a este respeito.

O saldo das conversas fascistas-gorilas resulta bem magro.

A REPRESSÃO

Preso o jovem Álvaro Pato

Na sua permanente actividade repressiva a PIDE-DGS não pára de perseguir e prender democratas ou simples suspeitos de actividades antifascistas. Em fins de Abril e durante o mês de Maio centenas de democratas, entre eles numerosos jovens, foram presos em vários pontos do país, particularmente em Lisboa, Porto e Margem Sul. Em Caxias tiveram de abrir instalações ainda não usadas.

No dia 25 de Maio foi preso numa camioneta em Coíma o jovem Álvaro Pato, que em seguida foi algemado e conduzido para a PIDE-DGS. No momento da prisão Álvaro Pato gritou que era filho de Octávio Pato e pediu às pessoas que seguiam na camioneta para avisarem a família.

Álvaro Pato é um jovem trabalhador progressista, desertor do exército colonialista e como tal perseguido desde há tempo pela PIDE-DGS e outros fascistas. Ainda estudante foi impedido de frequentar o Instituto Industrial por proibição do respectivo director, fascista. Na tropa foi perseguido pelos oficiais fascistas.

O jovem Álvaro Pato está a ser barbaramente torturado, tal como o foram os jovens Horácio Rufino, J. Pedro Soares, Araújo Pinto e outros. Denunciar a sua prisão e protestar contra as torturas e isolamento a que está a ser submetido, através de telegramas, telefonemas e outros meios para Ministros e outras entidades, jornais, é um dever dos jovens e outros democratas.

Ainda o 1.º de Maio

Grande vitória conseguiram os trabalhadores da SOREFAME com a conquista do feriado no 1.º de Maio. Após vários meses de luta, em que foram levadas a cabo diversas acções dirigidas pela Comissão pró-feriado, nomeadamente a recolha e entrega na administração de 600 assinaturas exigindo feriado no 1.º de Maio, reivindicação que passou a figurar sempre no conjunto de outras reivindicações apresentadas na empresa, os trabalhadores da SOREFAME viram coroada de êxito a sua luta por este objectivo. Saudamos os operários da SOREFAME por esta bela vitória, que deve estimular a luta de todos os trabalhadores pelo direito de não trabalhar no 1.º de Maio.

Apesar da acção repressiva do fascismo, os trabalhadores de várias regiões do país comemoraram o 1.º de Maio pelas mais diversas formas. Além do que se passou em Lisboa e no Porto e que noticiámos no número anterior do «Avante», em muitas terras e empresas numerosos trabalhadores faltaram ao trabalho nesse dia, realizaram-se actos de confraternização, discutiu-se o significado do 1.º de Maio, fizeram-se convívios. Os actos que a seguir se referem são alguns dos muitos ocorridos no país.

Assim, em Alpiarça, os assalariados agrícolas como habitualmente, não trabalharam, cerca duma centena juntaram-se e discutiram os seus problemas, falaram da história do 1.º de Maio e realizaram depois um convívio que durou até à noite. Em Torres Vedras, algumas dezenas de operários da casa «Hípólito» e a quase totalidade dos da secção de mecânica da casa António Francisco da Silva (150 operários) não

compareceram ao trabalho, tendo havido convívios. Em Agueda, a empresa «Flandria» esteve cercada por guardas da GNR armados e com capacetes desde 30/4 até final do dia 1 de Maio, o que não impediu, porém, que um dos turnos da noite reclamasse para sair uma hora mais cedo, o que conseguiu. Além disso, foram feitas várias inscrições no interior da empresa, como «Viva o 1.º de Maio!», «Abaixo a guerra colonial!», «Abaixo o aumento do custo de vida!». Em Ovar realizou-se um jantar de confraternização com cerca de 40 trabalhadores. Foi referido o significado histórico do 1.º de Maio e guardou-se 1 minuto de silêncio em memória dos trabalhadores caídos na luta contra a exploração capitalista. Na Figueira da Foz a polícia impediu a realização de um convívio, tendo ainda aparecido cerca de 40 trabalhadores que foram dispersos. No Porto realizaram-se actos de confraternização, particularmente na classe dos metalúrgicos, em que os trabalhadores, além de intervirem sobre as raízes históricas do 1.º de Maio, discutiram os problemas da classe. Outros convívios foram realizados, como em Pedrouços, em que participaram 25 jovens e 15 empregadas domésticas e em que foram discutidos problemas de interesse para as mulheres, para os jovens e para os trabalhadores em geral. Além destes, muitos mais actos comemorativos do 1.º de Maio foram realizados pelos trabalhadores, que a falta de espaço ou outras razões impediram-nos de noticiar. Por todo o país foram distribuídas muitas dezenas de milhar de manifestos e tarjetas sobre o 1.º de Maio e feitas milhares de inscrições.

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL para com a juventude portuguesa

A prisão de Teresa Tengarrinha Dias Coelho, filha do saudoso camarada Dias Coelho, assassinado em 1961 pela PIDE, assim como de outros jovens trabalhadores e estudantes, tem provocado grande indignação em vários países. Teve larga repercussão um apelo de Margarida Tengarrinha, mãe de Teresa.

Na URSS, o Comité das Mulheres Soviéticas, o Comité das Organizações Juvenis, os Komsomol e pioneiros em diversos meetings como o realizado no Clube da Academia Militar Frunze de Moscovo, alunos de numerosas escolas, aprovaram mensagens de solidariedade e enviaram protestos às autoridades portuguesas.

Na Itália, o «Unità», órgão do PCI, deu grande relevo ao apelo de Margarida Tengarrinha. Enviaram protestos às autoridades portuguesas a Federação Juvenil Comunista, a União das Mulheres Italianas e algumas das suas organizações regionais, o Comité dos Estudantes de Génova, os Comités Antifascistas de Ferroviários, a Associação Nacional dos Resistentes Italianos, o Comité Unitário Antifascista de Bolzaneto, várias destacadas personalidades de Bolonha, etc.

Em França, o «Humanité», órgão do PCF, tem também dado relevo à questão e a União dos Estudantes Comunistas de França aprovou uma mensagem de solidariedade e enviou protestos às autoridades portuguesas.

A União Internacional dos Estudantes manifestou também a sua

solidariedade por várias formas.

As importantes manifestações de solidariedade, que tiveram lugar noutros países, constituíram importante contribuição para a absolvição de Teresa e a libertação de outros jovens.

Na Bulgária, os jovens comunistas da Escola T. Spassov da cidade de Pleven realizaram um meeting de solidariedade para com a juventude portuguesa e aprovaram um vigoroso protesto contra as torturas e julgamento de Horácio Ruffido, José Pedro Soares e Júlio Pinto e outros jovens.

Em França, na Assembleia Nacional, deputados comunistas exigiram que se mantenha no Comité Internacional para o Turismo os direitos da SIAEIST das Associações de Estudantes portugueses, cuja exclusão é defendida pelo governo francês, a pedido do governo fascista de M. Caetano.

SAUDAÇÕES a Partidos irmãos

O CC do PCP enviou saudações ao XIV Congresso do PC da Argentina, ao IX Congresso do PC do Equador, ao XXIV Congresso do PC da Dinamarca e ao XVI Congresso de PC Mexicano.

Vietnam

O imperialismo não desarma

Corridos do Vietnam pela luta heróica do povo, os imperialistas americanos continuam a sabotagem dos acordos de Paris, usando da hipocrisia e da chantagem para impedir que os povos do Vietnam e da Indochina possam decidir livremente o seu destino e reconstruir os seus países devastados pela guerra.

A recusa dos americanos de cumprir os acordos traduz-se de várias maneiras. Efectuam voos provocatórios sobre a RDV, mantendo por desmontar milhares de minas que espalharam nas águas costeiras. Mantêm no Vietnam do Sul de dez a vinte mil militares disfarçados de civis. Bombardeiam o Laos. Despejam toneladas de bombas sobre o Cambodja, numa tentativa de salvar a clique reaccionária de Lon Nol.

Por outro lado continuam a dar toda a cobertura à camarilha do seu fantoche Van Thieu, que procura arrastar e paralisar as negociações entre o G.R.P. e o regime de Saigão para a realização da concórdia e reconciliação nacional. Numa manifestação odiosa dos seus intentos de manterem oprimido o povo, a camarilha saigonesa recusa a libertação de milhares de prisioneiros políticos, ao mesmo tempo que reprime violentamente os partidários da paz e do cumprimento dos acordos.

O desmascaramento e o isolamento dos imperialistas será uma preciosa ajuda para o povo vietnamita e da Indochina. A solidariedade política dos portugueses e bem assim a solidariedade material — pela recolha de fundos que permitam angariar medicamentos, material sanitário e cirúrgico e satisfazer outras necessidades prementes dos patriotas vietnamitas — não pode pois abrandar.

As iniciativas dos trabalhadores de Lisboa, Margem Sul, Baixo Ribatejo, das comissões estudantis, recolhendo contribuições para a construção de um hospital e enviando mensagens de regozijo pela vitória e de manifestação da total solidariedade, devem am-

pliar-se e alargar-se a todo o país. Esse é o nosso sagrado dever para com um povo que, derrotando o mais poderoso país imperialista, encorajou todos os povos que lutam pela sua libertação e independência da opressão imperialista.

Mensagem do P.T. do Vietnam

Ao Comité Central do Partido Comunista Português

Queridos camaradas:

Sensibilizaram-nos muito as vossas saudações calorosas pela vitória do povo vietnamita por ocasião da assinatura do acordo de cessação da guerra e do restabelecimento da paz no Vietnam.

Esta vitória do nosso povo esteve estreitamente ligada à simpatia, ao apoio e à ajuda preciosos dos países socialistas, dos partidos irmãos e dos povos progressistas do mundo inteiro.

Regozijando-nos por essa vitória, nós agradecemos sinceramente, uma vez mais, à classe operária e ao povo portugueses os constantes apoio e ajuda, sob diversas formas, à nossa luta contra os imperialistas americanos, pela salvação nacional.

Estamos firmemente convencidos de que o Partido Comunista e o povo português continuarão a apoiar e ajudar o povo vietnamita na luta por realizar correcta e estritamente o Acordo de Paris sobre o Vietnam e na obra de edificação do país.

Que a solidariedade e amizade entre os nossos dois Partidos e os nossos dois povos se consolide e desenvolva cada vez mais!

Abril de 1975

Comité Central do Partido dos Trabalhadores do Vietnam

Glória à mulher soviética

Há dez anos voou no espaço a primeira mulher cosmonauta do mundo, a soviética Valentina Terechkova.

A notícia deste feito pôs em evidência o que o socialismo deu à mulher soviética — a completa igualdade de direitos e de oportunidades, a par com os homens, na sociedade soviética.

Valentina Terechkova que é hoje Presidente do Conselho das Mulheres Soviéticas, grande amiga e admiradora das mulheres portuguesas e da sua luta, simboliza o papel de destaque da mulher soviética na nova sociedade.

Enquanto na sociedade capitalista a mulher trabalhadora é, na maior parte dos casos escrava

do homem e da sociedade, sendo o seu trabalho ainda mais mal pago que o dos homens, a mulher soviética é protegida pelas leis do Estado Soviético no desempenho da sua função de mãe, esposa e cidadã.

Rádio Portugal Livre

Transmite diariamente em 3 períodos de emissão. Das 8 às 8,30 em 19, 20, 20,8 e 25 metros.

Das 19 às 21 em 19 e 25 metros. Das 0,20 às 0,50, em 25, 26, 32 e 36 metros.

Aos domingos transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.